

Relações Internacionais em tempos de mídia e a questão do poder

Eliezer Queiroz de Souto¹

O progresso da humanidade tem-se mostrado operante em um setor do desenvolvimento humano que se coloca inevitavelmente contra aquilo que se produz na academia, que, apesar de embasado em teorias e justificado a partir de argumentos “rigorosamente” científicos, parece significar muito pouco e carecer de novas explicações, para, finalmente se começar a entender os diferentes sistemas de poder que rodeiam as pessoas em todo o mundo. A referência aqui é à comunicação midiática que repercute diariamente em qualquer lugar do mundo onde se possa ter acesso à Internet.

Não é mais possível que se fique a discutir que esse ou aquele país tem exercido ou vem exercendo bem “sua” hegemonia, porque tem tido competência suficiente para o exercício do jogo diplomático da negociação, colocando-se à altura da competência que possui e mediante a qual está preparada para os embates do mundo contemporâneo, podendo, assim, impor-se e alargar seu espaço de poder “legitimamente” pelo fato de “estar sabendo” conduzir-se melhor em face dos outros, quando o que se percebe é que os Estados mais avantajados tecnologicamente têm de fato utilizado o “fantasma do medo” mediante o qual conseguem induzir as pessoas a neles acreditar e jogar o seu jogo.

Também não é mais eloqüente apregoar-se que tal ou qual país vai interferir (ou interferiu) no país “amigo” (aquém ou além-mar), para proteger seu povo, em nome da paz ou da democracia. Esse procedimento antigo chega aos dias atuais já desnudado de suas características ilusionistas e pouco assimiláveis, pelo fato mesmo de o homem ter sua racionalidade aguçada pelo próprio desenvolvimento humano e

¹ Bacharel em Direito e Mestre em Ciência Política pela UFPE, é professor dos cursos de Relações Internacionais e de Direito dessa mesma instituição, desde 2006, e co-autor do livro **“Atos retóricos: mensagens estratégicas de políticos e igrejas”**, organizado por Tereza Lúcia Halliday, publicado pela Summus, SP, 1988.

poder compreender que alguns fatos são fruto de uma armadilha perigosa contra a própria humanidade.

E a mídia tem dado essa contribuição. É lamentável, mas altamente significativo para quem está interessado em desvelar os “segredos” do homem lobo do próprio homem, do que esse homem tem sido capaz, aproveitando-se da tecnologia para ludibriar os mais ingênuos, mesmo sabendo que, lá adiante, se descobrirá a farsa montada.

Percebe-se, evidentemente, que eventos como o 11 de setembro de 2001 não passam de pretexto para novos posicionamentos políticos ambiciosos e de caráter geopolítico mediante os quais se busca fortalecer ideologias em benefício dos seus patrocinadores que jogam pesado, apostando na insegurança das pessoas.

Hobbes porque não dispunha de equipamentos tecnologicamente avançados em sua época, usou a imagem do Leviatã, com a finalidade de causar um impacto que possibilitasse o surgimento de um Estado artificial capaz de dominar os homens e garantir os privilégios daqueles que, a partir dali, assumiriam as rédeas do poder, “garantindo” a segurança e o bem-estar de todos atingidos por essa fantástica idéia que ainda arrasta as sociedades e até impede que se encontre saída mais adequada para a vida humana que não dentro do próprio Estado e por meio dele.

Foi assim que se chegou ao iluminismo e às revoluções francesa e americana, sempre com a perspectiva de se fazer “o que era preciso” para retirar os privilégios dados a alguns e construir uma nova ordem que assegurasse melhores condições às pessoas. Porém, se se observar atentamente, o que se verifica é que esses privilégios apenas mudaram de mãos, mas a situação passou a ter a mesma dimensão, ou seja, alguns tomaram conta do poder em nome de uma maioria que não podia (nem devia) perceber o que estava acontecendo. E até mesmo as guerras continuariam a acontecer para “resgatar a paz”, mas no fundo elas significariam, como se pode demonstrar pela própria história, o domínio dos mais fortes sobre os mais fracos. E assim vem caminhando a humanidade.

O 11 de setembro pode não ter feito muita gente compreender o que estava acontecendo no mundo contemporâneo, mas os desdobramentos desse lamentável incidente vem abrindo os olhos de muitos que não mais acreditam no que aconteceu, pelo menos na perspectiva dos relatos oficiais e da pregação ideológica do Estado norteamericano e de amplos setores da imprensa local e internacional, pois a compreensão de tudo que ficou “pós-atentado”, foi a dúvida, a descrença, e a desilusão em líderes internacionais cujo discurso não passa de mais uma forma de mistificação das massas pela propaganda política, como diria Tchakhotine.²

Os atores políticos da atualidade, desde a Primeira Guerra Mundial, jogam com imagens e eventos macabros para assustar a todos e garantir que o sistema político-econômico funcione, o que se passou a conhecer pelo nome de “nova ordem mundial”.

Um exemplo magistral que se pode citar é o da derrubada das torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001, um dos eventos mais badalados na atualidade. Uma grande maioria de ocidentais, no entanto, acredita que o 11 de setembro foi autoprovocado, o que, naturalmente, é lamentável, e não pode ser explicado por meio de uma Teoria Política na linha de conhecimento das Relações Internacionais, senão mediante a compreensão dos Direitos Humanos que condenam crimes que só podem ser considerados contra a humanidade, devendo seus mentores ser julgados e condenados por isso. Mas quem se atreve a apontar exatamente esses mentores e oferecer denúncia contra eles em um Tribunal Internacional, para que sejam condenados pelos seus crimes? Vê-se que essa é uma questão de “poder”, no sentido de que existe um grupo de governantes mais poderosos que atuam, realizando o que entendem ser melhor para o seu povo, mesmo matando, inclusive, parte desse mesmo

² TCHAKHOTINE, Serge. A mistificação das massas pela propaganda política. Tradução de Miguel Arreaes. Brasília: Argumento, 2003. Em sua nota, como tradutor, Arreaes diz que “o mérito de Tchakhotine reside na análise que faz desses fenômenos, explicando-os largamente. Agora, seu mérito maior está em testemunhar que a mistificação existe e que pode ser feita, como o fizeram os Nazistas. A vigilância dos democratas, em conseqüência, precisa ser despertada nessa fase em que a dominação procura se intensificar, ameaçando conquistas obtidas pelos povos através de duras lutas”.

povo e colocando a culpa em outros povos, a quem podem matar em nome da paz e da harmonia universal.

Nesse sentido, os documentários estão aí para serem vistos e analisados. Documentários como estes: (1) < <http://www.youtube.com/watch?v=4INgP-pe8vl>> “Iraque – a guerra que você não vê” onde se observa o contrário do que os governos dos Estados Unidos e Grã-Bretanha procuraram apresentar ao resto do mundo, mas negando por todas as formas o caráter repressivo e desumano que, naturalmente, escondem; (2) <<http://www.youtube.com/watch?v=EQIYaw3NinM>> “Terrorstorm: História do Terrorismo Governamental [Legendado]”, considerado o “melhor documentário sobre Terrorismo de Estado – atos perpetrados pelos próprios governos para acusar inimigos externos, ou mesmo internos, como forma de garantir suas pretensões e enganar seu povo e os povos dos demais países da comunidade internacional, tomados de assalto por atitudes aparentemente sadias; (3) <<http://www.youtube.com/watch?v=CzdSiTEn27I>> , filme-documentário bastante humano, The War on Democracy, torna-se um documentário inteligente e essencial, em que o eloquente e premiado jornalista John Pilger desvela a cruel realidade planejada pelos EUA, em um total desrespeito aos princípios humanitários que se espera sejam próprios dos países civilizados e contemporâneos, o que na verdade não acontece. Por exemplo, com seus interesses voltados para a América Latina, a partir da Venezuela, o governo norteamericano faz com que os noticiários locais influenciem as massas com discursos de jornalistas desavisados ou coniventes com o sistema político do Tio Sam.

Em uma TV americana um jornalista diz: “Bom. Agora, Hugo Chávez, o governo criminoso da Venezuela...” e prossegue com suas acusações; em outro canal, Douglas Makinon, ex-oficial do departamento de defesa, expõe “suas ideias”, dizendo: “Na minha opinião e na de muita gente, o governo de Hugo Chávez representa uma grande ameaça não só para nós (leia-se: para os norteamericanos), mas também para todo o hemisfério...” e em outro canal de TV norteamericana, a FOX FACTS, outro jornalista diz textualmente: “Ele [Hugo Chávez] devia ter sido assassinado há muito tempo. Por

quem? Por qualquer um”. Ou seja, fala-se de crime como uma coisa banal, algo que precisa ser feito, quando estão em jogo os interesses dos EUA.

Com essas motivações na ordem do dia, em 2002, inicia-se uma campanha para derrubar o governo Chávez, chegando ao ponto mais alto em abril. Veio a deposição de Chávez e logo o primeiro ato dos que se alçaram ao poder foi “Os cargos dos deputados e suplentes da Assembléia Nacional ficam suspensos”, ou seja, derrubava-se a democracia nascente que vinha desde o Placio de Miraflores ao seio do povo venezuelano, e isso com a influência do governo de Washington que ajudara a implementar o golpe na Venezuela.

Não muito diferente, mas com outras cores, pode-se ver, na Bolívia, a influencia do embaixador norteamericano Phillip Goldberg, que termina por ser afastado do país a pedido recente do Presidente Evo Morales. E mesmo assim, ainda existem os que querem justificar a presença norteamericana aqui e ali, alegando os benefícios dessa presença.

Por outro lado, agências norteamericanas agem como bem entendem, desconhecendo o direito internacional e as normas internas de seu país, porque até se fala de envolvimento da CIA com o narcotráfico. Isso é contraditório? Então teria a ver com o que ensinam as teorias das relações internacionais. Provavelmente, mas a academia chega muito depois de os fatos terem acontecido. E então não importa se o capitalismo [atravessado de contradições] ainda assim está “em constante expansão há cinco séculos”³, porque para o capitalismo, tal como o percebemos hoje, em pleno século XXI, não se baseia mais em uma teoria que venha dos livros, mas do pragmatismo que nasce nas ruas e nas encenações políticas que se podem fazer para manter o sistema. Isso é o que parece contar.

Existe hoje o doloroso espetáculo do crack que invade as cidades em todo o mundo. Jovens e adultos se deixam envolver por essa terrível droga, e o pior é que se

³ Cf. NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizar. Teoria das relações internacionais: correntes e debates, 2005, p. 126, a propósito das idéias de Wallerstein que juntamente com Marx supunha que essas contradições levariam a crises de onde não mais poderiam sair os países capitalistas.

fala que foi a CIA um de seus veículos⁴. Em um documentário divulgado na mídia e legendado em espanhol, lê-se: “Esta historia es la mas controversial de los últimos años, por que despues de investigar origem de la epidemia del “crack”, Webb, ha encontrado la coneccion directa com la C.I.A.” E acrescenta:

Hombres que estaban trabajando para el ejercito de la C.I.A. son los responsables de haver traído toda esa cocaina a Los Angeles, e de haber esparcido el “crack” por toda el area. Webb dice que el ejercito de la CIA eran los “contras”, los rebeldes “anticomunistas” que combatian al gobierno de Nicaragua em 1980, un ejercito FUNDADO Y FINANCIADO POR LA C.I.A.⁵

O que se verifica é que não se pode falar mais, por exemplo, em uma premissa da “centralidade do Estado”, buscando a sobrevivência, “a função do poder para garantir essa sobrevivencia, seja de maneira independente [ou ainda] por meio de alianças”⁶, porque dentro do Estado, em nome dele e com o seu poder, falam outras vozes cujos interesses só aparecem desvendados muito tempo depois de suas artimanhas construídas e aplicadas.

⁴ Cf. o site <<http://www.youtube.com/watch?v=mSFXXS7F6xM&feature=related>>, cujo video faz algumas reflexões estonteantes a esse respeito.

⁵ Cf. o mesmo site <<http://www.youtube.com/watch?v=mSFXXS7F6xM&feature=related>>.

⁶ Cf. NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizar, op. cit., p. 23.